

AUTONOMIA DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM DURANTE O TRABALHO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: UMA PERCEPÇÃO DOS ENFERMEIROS

Data de aceite: 02/05/2023

Lorena Silveira Cardoso

Professora Orientadora, Enfermeira,
Doutora em Saúde Coletiva

Jaqueline da Silva de Oliveira

Graduanda em Enfermagem Centro
Universitário Faesa

Nilza Cassimiro Ferreira

Graduanda em Enfermagem Centro
Universitário Faesa

Thais Barcelos Mota Queiroga

Enfermeira, professora colaboradora

Cindy Medici Toscano Rozetti

Professora Colaboradora, Enfermeira,
Doutora em fisiologia

sociais, direcionadas à promoção do bem-estar em todas as fases do processo de saúde e doença, garantindo assistência e acolhimento. Ficando visível também sua autonomia e liderança, assumindo assim o compromisso de trabalhar para melhorar os cuidados prestados aos pacientes. Com isso, é necessário analisar a percepção dos enfermeiros quanto à sua autonomia durante o trabalho na atenção primária à saúde. O estudo teve como objetivo geral analisar a percepção das/os enfermeiros(as) sobre a autonomia profissional na Atenção Primária à Saúde. Procedeu-se uma pesquisa de campo descritiva, transversal, com abordagem quantitativa, cuja investigação será baseada na percepção de enfermeiros quanto à sua autonomia profissional durante o trabalho na atenção primária à saúde. Os resultados encontrados ressaltam da enfermagem em conhecer e exercer sua autonomia na APS. Conclui-se que a pesquisa gerou um resultado positivo e entendeu-se que os enfermeiros compreendem a importância do uso da sua autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia, Enfermagem, Atenção Primária à Saúde.

RESUMO: A Atenção Primária à Saúde veio para oferecer às famílias atenção integral e serviços de saúde voltados para promoção, prevenção e manutenção, sendo constituída por uma equipe multidisciplinar trabalhando de forma interdisciplinar. O enfermeiro tem funções importantes na Atenção Primária à Saúde, além do contato direto com o paciente, também facilita a comunicação entre as equipes no ambiente de trabalho. São responsáveis por proporcionar práticas

AUTONOMY OF NURSING PROFESSIONALS DURING THE WORK IN PRIMARY HEALTH CARE: A PERCEPTION OF NURSES

ABSTRACT: Primary Health Care came to offer families comprehensive care and health services aimed at promotion, prevention and maintenance and consists of a multidisciplinary team working in an interdisciplinary way. The nurse has important roles in Primary Health Care, besides the direct contact with the patient, he/she also facilitates communication between the teams in the work environment. They are responsible for providing social practices, directed to the promotion of well-being in all phases of the health and disease process, guaranteeing assistance and welcoming. Their autonomy and leadership is also visible, thus assuming the commitment to work to improve the care provided to patients. Thus, it is necessary to analyze nurses' perception of their autonomy during their work in primary health care. The general objective of this study was to analyze nurses' perception of professional autonomy in Primary Health Care. It was a descriptive field research, cross-sectional, with quantitative approach, whose investigation will be based on the perception of nurses about their professional autonomy during the work in primary health care. The results found emphasize nursing in knowing and exercising its autonomy in PHC. It is concluded that the research generated a positive result and it is understood that nurses understand the importance of the use of their autonomy.

KEYWORDS: Autonomy, Nursing, Primary Health Care.

INTRODUÇÃO

A atenção primária surgiu após a consolidação do SUS, tendo como princípios a universalidade, integralidade e humanização, com o objetivo de promover ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde, sendo o primeiro acesso dos pacientes com o sistema de saúde pública, oferecendo atenção integral às famílias.

A Atenção Primária à Saúde é constituída por uma equipe multidisciplinar trabalhando de forma interdisciplinar, dando importância à pessoa como um todo se atentando às condições de trabalho, moradia e relações familiares.

Com o surgimento de novos problemas e assuntos de saúde a necessidade de acesso ao enfermeiro pelos usuários teve um elevado aumento, com isso a atuação do enfermeiro na APS vem como um modelo de mudança nas práticas de atenção à saúde no SUS tendo atribuições importantes na APS que são praticadas conforme os princípios legais que o regem e com as leis definidas pelo Ministério da Saúde, tais atribuições como planejar, gerenciar e executar ações, supervisionar a assistência direta à população, realizar ações de promoção, prevenção, cura e reabilitação, gerenciar os serviços de saúde e equipes demonstrando profissionalismo e estabelecendo um diálogo na perspectiva do acolhimento para conquistar os usuários e familiares criando vínculos afetivos e confiança, tornando visível sua autonomia e liderança, com um papel fundamental para o setor da saúde.

Embora, mesmo com as leis e questões científicas que respaldam e dão autonomia

aos enfermeiros de exercer sua profissão, ainda é perceptível uma baixa adesão dos profissionais no que se refere a sua autonomia na APS, com uma limitação e dependência em parte de serviços de outros profissionais, assim como a sobrecarga de trabalho gera uma grande desvalorização da profissão, com perda de desempenho e qualidade de serviço. Considerando tais problemas, questiona-se: Como o enfermeiro desenvolve sua autonomia diante dos desafios encontrados dentro da Atenção Primária à Saúde?

Compreende-se com as literaturas encontradas que a autonomia do enfermeiro é um tema pouco discutido na sociedade brasileira, deixando subentender que é irrelevante para a área da saúde. Poucos profissionais compreendem o quão importante é evidenciar tal tema para que as lutas profissionais pela conquista do espaço e de desempenho nos serviços sejam ainda mais intensificadas, implementando uma nova visão sobre a profissão e suas responsabilidades.

Diante disso, é necessário analisar a percepção dos enfermeiros quanto à sua autonomia, tendo em vista os desafios e perspectivas dos serviços encontrados. Tais pesquisas são importantes para a evolução dos direitos, conquista de espaços e respeito dos profissionais da área, buscando sempre um melhor atendimento para os usuários.

Posto isso, o artigo teve como objetivo geral analisar a percepção das/os enfermeiros(as) sobre a autonomia profissional na Atenção Primária à Saúde.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, transversal, com abordagem quantitativa, cuja investigação será baseada na percepção de enfermeiros quanto à sua autonomia profissional durante o trabalho na atenção primária à saúde.

Os sujeitos foram profissionais enfermeiros selecionados de forma aleatória e intencional que atuam na atenção primária à saúde, dependendo da disponibilidade de dia e horário dos mesmos, para melhor aproveitamento da pesquisa, com registro profissional no Conselho Regional de Enfermagem (COREN), que exercem suas atividades em APS no município de Vitória-ES, Brasil, há no mínimo dois anos. Como critério de inclusão, estabeleceu-se: serão incluídos somente os profissionais de nível superior, que atuam no mínimo há dois anos em exercício na função, no tempo de graduação ou da formação ao nível de pós-graduação, portanto as outras categorias não participarão do estudo. Os critérios de exclusão foram: estar de férias e/ou licença de qualquer natureza na ocasião das coletas de dados e/ou não aceitar participar da pesquisa.

Utilizaram-se questionários estruturados, aplicados em dois momentos. No primeiro questionário utilizou-se a entrevista com o uso de um formulário socioeconômico que contém, perguntas relacionadas à identificação dos pesquisados, estruturada com perguntas fechadas sobre gênero, idade, tempo de formação e experiência na área de Saúde Pública.

O segundo questionário abordou questões com temas sobre o exercício profissional e a autonomia da Enfermagem, construídas no modelo de Lickert. Este modelo de questionário é constituído por uma sequência de frases afirmativas relacionadas com o tema pesquisado que informam o grau de concordância ou discordância, onde no questionário o número “um” significa “discordar totalmente” e “cinco”, “concordar totalmente”.

O estudo foi realizado com profissionais que atuam na atenção primária da capital do Estado do Espírito Santo. As etapas de coleta de dados aconteceram de modo on-line onde primeiro contato com os sujeitos da pesquisa ocorreu por endereço eletrônico no qual foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com o formulário contendo questões do perfil socioeconômico e questão abordando o tema em questão.

Os dados foram sistematizados de forma descritiva e os resultados organizados e colocados em tabelas, seguidos de análises de estatística no Google Forms. Analisaram-se as questões formuladas com base no modelo de Lickert, comparando as respostas individuais em relação à média das respostas da amostra.

Do total de 18 entrevistas, 16 são do sexo feminino (88,9%) e 2 são do sexo masculino (11,1%). Quanto à faixa etária, observou-se que 8 têm entre 40 a 49 (44,4%), 7 têm entre 30 a 39 (38,9%), 2 entre 20 a 29 (11,1%) e 1 entre 50 a 59 (5,6%). Quanto ao estado civil, 12 (66,7%) são casados, 3 (16,7%) são solteiros, 2 (11,1%) são divorciados e 1 (5,6%) viúvo. Quanto a filhos, 12 (66,7%) possuem filhos e 6 (33,3) não possuem. Quanto à escolaridade das 18 respostas, 16 (88,9%) possuem graduação com especialização, e 6 possuem mestrado. Quanto à realização da graduação, 10 (55,6%) são de instituição pública e 8 (44,4) são de instituição privada. Quanto à experiência profissional anterior, 17 (94,4%) possuem experiência em Atenção Básica, 8 (44,4%) em Área Hospitalar, 4 (22,2%) em Área de Ensino e Pesquisa e 1 (5,6) em Pronto Atendimento municipal. Quanto ao tempo de experiência profissional, 7 (38,9) possuem mais de 16 anos de experiência, 7 (38,9) possuem de 11 a 15 anos, 1 (5,6%) de 6 a 10 anos, 1 (5,6%) de 3 a 5 anos, 2 (11%) de 1 a 2 anos. Das 18 respostas, todas atuam em unidades de Vitória, além de Serra, Vila Velha, e Duque de Caxias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados do estudo foram analisados de forma quantitativa por meio de cálculos de porcentagem simples, representados em tabelas, e justificado em base teórica com auxílio de referenciais bibliográficos, tendo o objetivo de entender e relacionar os resultados encontrados. Decidiu-se analisar separando-o em três partes. A primeira corresponde ao conceito sobre autonomia profissional, a segunda sobre a consulta de enfermagem, e a última sobre conhecimento, habilidade e autoridade.

QUESTÕES	NÚMERO DE RESPOSTAS (%)				
	1 DISCORDO TOTALMENTE	2 DISCORDO EM PARTES	3 NEM CONCORDO NEM DISCORDO	4 CONCORDO EM PARTES	5 CONCORDO TOTALMENTE
Uma intervenção, por parte do enfermeiro, de caráter inovador, provoca alguma mudança na instituição				5 (27,8%)	13 (72,2%)
A autonomia do Enfermeiro pode potencializar as ações pertinentes à Carteira de Serviços da Atenção Primária da Saúde				4 (22,2%)	14 (77,8%)
Os profissionais das Estratégias e Saúde da Família, trabalham em harmonia, com respeito a autonomia de cada um. O trabalho desenvolvido é integrado, de forma que um completa o trabalho do outro visando o cuidado com o usuário		1 (5,6%)	4 (22,2)	9 (50%)	4 (22,2)
A sua autonomia profissional somente acontece ao coordenar e realizar as atividades dos programas de saúde.	8 (44,4%)	4 (22,2)	1 (5,6%)	2 (11,1%)	3 (16,7%)
A construção do seu exercício profissional autônomo é influenciada pela compreensão das dimensões sociais, biológicas, econômicas, políticas e ambientais que atuam no processo saúde-doença.			2 (11,1%)	3 (16,7%)	13 (72,2%)
A autonomia no processo de trabalho assistencial torna visível a sua profissão.				5 (27,8%)	13 (72,2%)
Autonomia profissional possibilita a tomada de decisão para coordenar o trabalho assistencial da equipe de enfermagem.				2 (11,1%)	16 (88,9)

TABELA 1 – CONCEITOS GERAIS SOBRE A AUTONOMIA PROFISSIONAL

Na tabela 1, analisou-se que mais de 13 (72,2%) enfermeiros concordam totalmente que “Uma intervenção, por parte do enfermeiro, de caráter inovador, provoca alguma mudança na instituição” e 5 (27,8%) concordam em parte, constatou-se com essa questão que é uma afirmativa relevante para os profissionais, onde o mesmo tem de ser apto a estar sempre tomando decisões, de forma rápida, criativa, inovadora para que o cuidado com o usuário aconteça de maneira afetiva respondendo suas necessidades (LOPES, *et al.*, 2020, p. 06). Já na segunda questão, 14 (77,8%) concordam totalmente que “A autonomia do Enfermeiro pode potencializar as ações pertinentes à Carteira de Serviços da Atenção Primária da Saúde” e 4 (22,2%) concordam em partes, afirmando que os enfermeiros reconhecem importância dos serviços da APS e como aumentar sua autonomia pode ajudar ao sistema de saúde, porém, segundo Batista, Cardoso, Figueiredo (2020, p. 80) “as lutas pela conquista do espaço e atuação nos serviços ainda precisam ser mais intensificadas”. Na terceira questão apenas 9 (50%) concordam em partes que “Os profissionais das Estratégias e Saúde da Família, trabalham em harmonia, com respeito a autonomia de cada um. O trabalho desenvolvido é integrado, de forma que um completa o trabalho do outro visando o cuidado com o usuário”, 4 (22,2%) concordam totalmente, 4 (22,2%) nem concordam, nem discordam e 1 (5,6%) discordam em partes, percebeu-se que as respostas ficaram mais diversas, sendo essa afirmativa uma das principais competências do enfermeiro para garantir a segurança e satisfação do paciente e da equipe de trabalho, gerando uma boa comunicação, estratégias de coordenação da equipe e trabalhando de forma interdisciplinar (LOPES, *et al.*, 2020, p. 06). Na quarta questão, houve uma variação

de respostas onde 8 (44,4%) discordam totalmente sobre “A sua autonomia profissional somente acontece ao coordenar e realizar as atividades dos programas de saúde”, 4 (22,2%) discordam em partes, 3 (16,7%) concordam totalmente, 2 (11,1%) concordam em partes e 1 (5,6%) nem concordam, nem discordam, com isso ficou constatado que a maioria discorda sobre a afirmativa, considerando que o enfermeiro tem atribuições diversas na APS respaldadas por lei, além de atender as necessidades de saúde da população de forma autônoma aonde vai muito além de apenas coordenar e realizar, e sim desenvolvendo novas práticas de saúde (BATISTA; CARDOSO; FIGUEREDO, 2020). Na quinta questão, 13 (72,2%) concordam totalmente que “A construção do seu exercício profissional autônomo é influenciada pela compreensão das dimensões sociais, biológicas, econômicas, políticas e ambientais que atuam no processo saúde-doença”, 3 (16,7%) concordam em partes e 2 (11,1%) nem concordam, nem discordam, percebeu-se que a afirmativa teve uma resposta positiva dos participantes, concordando com Kalinowski, *et al.*, (2012, p.7) onde afirma que “É importante ressaltar que a autonomia é relativa, não absoluta, pois depende do querer de outros e da sociedade em que vivemos”. Na sexta questão, 13 (72,2%) concordam totalmente que “A autonomia no processo de trabalho assistencial torna visível a sua profissão” e 5 (27,8%) concordam em partes, é possível averiguar que afirmativa teve uma boa aceitação dos participantes, onde a autonomia é um elemento da prática profissional, se tornando assim, um atributo para alcançar um nível elevado de satisfação profissional, com a liberdade para a tomada de decisões independentes com confiança e se respaldam em evidências científicas, tanto na área de atuação, como do ambiente de trabalho multiprofissional (PEREIRA E OLIVEIRA, 2018). E na sétima questão, 16 (88,9%) concordam totalmente que a “Autonomia profissional possibilita a tomada de decisão para coordenar o trabalho assistencial da equipe de enfermagem” e 2 (11,1%) concordam em partes, afirmando que a autonomia do enfermeiro está associada ao seu desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências permitindo enfim a tomada de decisões e resoluções visando ao cuidado integrado aos usuários de saúde (CHAVES, *et al.*, 2014).

QUESTÕES	NÚMERO DE RESPOSTAS (%)				
	1 DISCORDO TOTALMENTE	2 DISCORDO EM PARTES	3 NEM CONCORDO NEM DISCORDO	4 CONCORDO EM PARTES	5 CONCORDO TOTALMENTE
É uma atividade que concretiza a ideia de espaço autônomo – o consultório – com uma tecnologia independente – a Classificação das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva (CIPESEC).		1 (5,6%)	1 (5,6%)	9 (50%)	7 (38,9%)
É uma atividade que possibilita tomada de decisão sobre a assistência de enfermagem em relação às necessidades de saúde da comunidade.				5 (27,8%)	13 (72,2%)
Torna visível ao indivíduo, família e grupo o exercício profissional da enfermagem.				3 (16,7%)	15 (83,3%)
Utiliza como um instrumento o CIPESEC, que contribui na construção do exercício da sua autonomia profissional.	2 (11,1%)		2 (11,1%)	6 (33,3%)	8 (44,4%)
Norteadas pela sistematização da assistência de enfermagem auxilia na sua autonomia profissional, colaborando na auto-organização do seu trabalho para a resolução das necessidades de saúde.				7 (38,9%)	11 (61,1%)
Favorece o trabalho multi-interdisciplinar, pois facilita a compreensão das intervenções específicas de cada profissional de saúde.		1 (5,6%)		1 (5,6%)	16 (88,9%)

TABELA 2 – A CONSULTA DE ENFERMAGEM

Na tabela 2, analisou-se que 9 (50%) concordam em partes que a consulta de enfermagem “É uma atividade que concretiza a ideia de espaço autônomo – o consultório – com uma tecnologia independente – a Classificação das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva (CIPESEC).”, 7 (38,9%) concordam totalmente, 1 (5,6%) nem discordam e nem concordam e 1 (5,6%) discordam em partes. A consulta da enfermagem é um espaço onde a profissional pode desenvolver sua autonomia, quanto a ação de enfermagem prestada de acordo com problema identificado do cliente(1) e é um território amparado social e legalmente, sendo privativo da enfermagem conforme o art.11 da Lei do Exercício Profissional. Na segunda questão, 13 (72,2%) concordam totalmente que “É uma atividade que possibilita tomada de decisão sobre a assistência de enfermagem em relação às necessidades de saúde da comunidade” e 5 (27,8%) concordam em partes. Segundo FERREIRA, PÉRICO E DIAS (2018), nas práticas de atenção à saúde no SUS, gerou mudanças sobre o papel do enfermeiro na Atenção Primária Saúde, que na assistência não visa apenas o paciente e a cura, mas a família como um todo, agindo na integralidade do cuidado, na prevenção da saúde, na promoção e qualidade de vida das famílias e comunidade. Na terceira questão, 15 (83,3%) concordam totalmente que “Torna visível ao indivíduo, família e grupo o exercício profissional da enfermagem” e 3 (16,7%) concordam em partes. Com isso, fica visível que a autonomia do enfermeiro é importante para o fortalecimento da equipe e na dinâmica dos eventos em saúde, tendo uma visão ampla, boa administração, especialmente no planejamento em situações que possa gerar benefícios para os usuários (BATISTA; CARDOSO; FIGUEREDO, 2020 p.79). Na quarta questão,

houve uma variação de respostas onde 8 (44,4%) concordam totalmente que “Utiliza como um instrumento o CIPESC, que contribui na construção do exercício da sua autonomia profissional”, 6 (33,3%) concordam em partes, 2 (11,1%) não concordam nem discordam e 2 (11,1%) discordam totalmente. Constatou-se que a CIPESP é uma ferramenta que colabora no desempenho da autonomia profissional da maioria dos enfermeiros. Na quinta questão, 11 (61,1%) concordam totalmente que “Norteadada pela sistematização da assistência de enfermagem auxilia na sua autonomia profissional, colaborando na auto-organização do seu trabalho para a resolução das necessidades de saúde” e 7 (38,9%) concordam em partes. Verificou-se que a SAE é a ferramenta principal para orientar o enfermeiro nas suas condutas, proporcionando um relacionamento, interpessoal do profissional enfermeiro com o paciente; O Histórico de Enfermagem, Diagnóstico de Enfermagem, Prescrição de Enfermagem e Evolução de Enfermagem, são os quatro pilares que sustenta a sistematização da assistência de enfermagem. Na sexta questão, 16 (88,9%) concordam totalmente que “Favorece o trabalho multi-interdisciplinar, pois facilita a compreensão das intervenções específicas de cada profissional de saúde”, 1 (5,6%) concorda em partes e 1 (5,6%) discorda em partes. Observou-se que a grande maioria dos profissionais concorda totalmente que a atividade multi-interdisciplinar, contribui na assistência de cada profissional de saúde.

QUESTÕES	NÚMERO DE RESPOSTAS (%)				
	1 DISCORDO TOTALMENTE	2 DISCORDO EM PARTES	3 NEM CONCORDO NEM DISCORDO	4 CONCORDO EM PARTES	5 CONCORDO TOTALMENTE
A construção contínua do conhecimento técnico e profissional.					18 (100%)
Conhecimento das atualizações de legislações, protocolos, programas de saúde que regulamentam o seu exercício profissional.				1 (5,6%)	17 (94,4%)
O aprimoramento contínuo dos procedimentos de enfermagem que compõem a sua habilidade técnica.				1 (5,6%)	17 (94,4%)
Aprimoramento contínuo das habilidades de relacionamento e comunicação.				1 (5,6%)	17 (94,4%)
Autodesenvolvimento profissional na busca de novas habilidades que sejam necessárias, como exemplo, a criatividade e sensibilidade.			1 (5,6%)	3 (16,7%)	14 (77,8%)
O uso da autoridade como um direito e poder advinda da sua profissão para realizar intervenções no seu cotidiano com responsabilidade.	2 (11,1%)		3 (16,7%)	2 (11,1%)	11 (61,1%)
O uso da autoridade, não como um domínio sobre outros, mas como modo de argumentar e influenciar com competência um determinado assunto que lhe é peculiar (próprio).			1 (5,6%)	1 (5,6%)	16 (88,9%)

TABELA 3 – O exercício da sua autonomia requer:

Na tabela 3, analisou-se que 18 (100%) concordam totalmente que “A construção contínua do conhecimento técnico e profissional”, contactou-se com essa afirmativa que os participantes aderem que a autonomia requer uma educação continua, onde partilha

conhecimento a fim de prevenir, promover e recuperar a saúde com práticas educativas, possibilitando ao profissional um entendimento coletivo que retrata sua autonomia para o cuidado social (BRITO E SOUZA, 2021). Já na segunda questão 17 (94,4%) concordam totalmente que “Conhecimento das atualizações de legislações, protocolos, programas de saúde que regulamentam o seu exercício profissional” e 1 (5,6%) concordam em partes, com isso, percebeu-se que essa afirmativa o entendimento dos participantes sobre as leis e legislações que os respaldam durante todo o exercício profissional refletido sobre sua autonomia, onde o trabalho do enfermeiro, por exemplo, não é restrito à Unidade Básica de Saúde, pois ele é amplo e visa abranger toda a comunidade (BRASIL, 2000). Na terceira e quarta questão, 17 (94,4%) concordam totalmente que “O aprimoramento contínuo dos procedimentos de enfermagem que compõem a sua habilidade técnica” e 1 (5,6%) concordam em partes, foi perceptível que as afirmativas foram aceitas pelos participantes tendo em vista que esse aprimoramento contribui para a melhor comunicação entre as equipes, descentralização do modelo de saúde, visando a melhoria do atendimento ao usuário (BATISTA; CARDOSO; FIGUEREDO, 2020). Na quinta questão, 14 (77,8%) concordam totalmente que “Autodesenvolvimento profissional na busca de novas habilidades que sejam necessárias, como exemplo, a criatividade e sensibilidade”, 3 (16,7%) concordam em partes e 1 (5,6%) nem concordam, nem discordam, a afirmativa foi bem aceita pelos participantes, onde se vê que é necessário o desenvolvimento de habilidades técnicas e emocionais para um bom gerenciamento e resoluções de problemáticas, com o intuito de assegurar a eficiência nos serviços de saúde (OLIVEIRA, *et al.*, 2020, p.475). Na sexta questão houve uma variação de respostas onde 11 (61,1%) concordam totalmente que “O uso da autoridade como um direito e poder advinda da sua profissão para realizar intervenções no seu cotidiano com responsabilidade”, 2 (11,1%) concordam em partes, 3 (16,7%) nem concordam, nem discordam e 2 (11,1%) discordam em partes. Na sétima questão, 16 (88,9%) concordam totalmente que “O uso da autoridade, não como um domínio sobre outros, mas como modo de argumentar e influenciar com competência um determinado assunto que lhe é peculiar (próprio)”, 1 (5,6%) concordam em partes e 1 (5,6%) nem concordam, nem discordam. A sexta e sétima afirmativa tiveram uma porcentagem de resposta semelhantes no que diz respeito ao uso da autoridade, ressaltando a sexta questão onde 2 (11,1%) discordaram em partes, constatou-se com as afirmativas que a influência da autoridade e poder gera fatores internos e externos, onde é necessário saber impor limites no uso dos mesmo, para construção da autonomia profissional, valorização do trabalho, conquista de espaços por meio de atitudes sabendo que a ação reflete diretamente nos usuários e equipe de trabalho, assim é importante saber se impor de modo que não atrapalhe seu exercício profissional e venha trazer benefícios para poder ser um diferencial em sua carreira (KALINOWSKI, *et al.*, 2012).

CONCLUSÃO

Em virtude dos resultados encontrados, percebeu-se que a maioria concorda com as afirmativas em relação aos conceitos gerais sobre a autonomia profissional, onde reconhecem que o enfermeiro exerce sua autonomia não apenas coordenando e realizando suas atividades, mas sim, gerando mudanças no seu meio de trabalho, agindo de forma criativa, eficaz e inovadora, sabendo tomar decisões e exercendo com maestria o seu papel na APS. No que diz respeito à consulta de enfermagem, grande parte entende que a mesma torna provável crescimento da autonomia, tornando possível uma maior assistência da enfermagem. Já no que o exercício da autonomia requer, constatou-se que a maioria concorda com as afirmativas e compreendem que para o mesmo é necessário uma educação contínua na área, bem como as atualizações das legislações e protocolos, com o aprimoramento de procedimentos e habilidades técnicas.

Constata-se que é possível afirmar que a autonomia do profissional de enfermagem, durante o trabalho na atenção à saúde exige a demanda de um maior quantitativo de profissionais para realizar as ações. Vale ressaltar que os enfermeiros possui domínio e capacidade para exercerem suas atividades no entanto em condições bastante favoráveis, o que lhe assegura maior autonomia e integralidade durante o desempenho profissional.

Portanto, conclui-se que a pesquisa gerou um resultado positivo e entendeu-se que os enfermeiros compreendem a importância do uso da sua autonomia e exercem a mesma dentro do seu trabalho na APS. Porém, ainda é necessário evidenciar tais pesquisas, para a contribuição e formação da autonomia de novos profissionais e evolução dos direitos, conquista de espaço e respeito dos profissionais da área.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Alexandre Pereira; CARDOSO, Beatriz Cavalcanti; FIGUEREDO, Rogério Carvalho. **Percepção de enfermeiros quanto a sua autonomia na Atenção Primária em Saúde**. Revista Amazônia Science & Health, Tocantins, v.8, n.1, p.78-94, 4 fev. 2022. DOI:10.18606/2318-1419/amazonia.sci.health.v8n1p78-94. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/3106/1580>. Acesso em: 4 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes>. Acesso em: 16 abr. 2022.

BRITO, Antônia Fernanda Sousa; SOUSA, Cíliane Macena. **A educação em saúde no processo de trabalho dos profissionais da estratégia saúde da família: relato de experiência**. Revista Ciência Plural, v.7, n.1, p.224-234, 16 jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/21020/13731>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CHAVES, Ana Cláudia Cardozo, *et al.* **AUTONOMIA PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: REVISÃO INTEGRATIVA**. Revista de Enfermagem UFPE on line, v.8, n.2, p.3718, 26 out. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/10113/10590>. Acesso: 20 nov. 2022

Vilma Regina Freitas Gonçalves. **A complexidade do trabalho do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde.** Rev Bras Enferm, Brasília v.71, n.1, p. 704-709, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0471>. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/reben/a/qTVY5r3JLdL8xcTHNf9ZhxF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 mai. 2022.

KALINOWSKI, Carmen Elizabeth, *et al.* **Autonomia profissional durante o trabalho na atenção primária à saúde: uma análise da percepção dos enfermeiros.** S A N A R E, Sobral, V.11. n.1.,p. 06-12, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/260/233>. Acesso em: 20 nov.2022

LOPES, Olívia Cristina Alves *et al.* **Competências dos enfermeiros na estratégia Saúde da Família.** ESCOLA ANNA NERY, v.24, n.2, p.1-8, 21 fev. 2020. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2019-0145. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zB5Npy99wyPDGX4jXzdNDYp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 abr. 2022.

OLIVEIRA, Jones Sidnei Barbosa de, *et al.* **Percepções de enfermeiras sobre a gestão do cuidado no contexto da estratégia de saúde da família.** REVISA, v.9, n.3, p.474-82, 21 de jun. 2020. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v9.n3.p474a482>. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/586/481>. Acesso em: 20 de nov. de 2022.

PEREIRA, Juliana Guisardi; OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos. **Autonomia da enfermeira na Atenção Primária: das práticas colaborativas à prática avançada.** Acta Paul Enferm, São Paulo, v.3, n.6, p.627-635, nov-dez 2018. DOI:10.1590/1982-0194201800086. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/Ryqyz7Xdt6ZrtXT9RhKJ9Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2022.